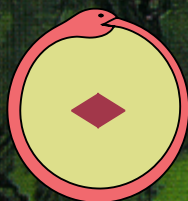


A VIDA DO SOL
NA TERRA
Carlos Papá e Verá Kanguá



caderno
SELVAGEM

Este Caderno Selvagem é uma transcrição do livro de mesmo nome publicado pela Editora Anhembi Morumbi em 2003, que narra as aventuras dos gêmeos Kuaray e Jaxy, filhos de Nhanderu. Partiu de Papá e Verá o impulso de transformar em livro a narrativa de criação do mundo que escutaram desde pequenos de seus pais e avós e que os Guarani transmitem às suas crianças há incontáveis gerações. Eles a redigiram e traduziram oralmente, contando com a ajuda de Renata Amaral para a organização e elaboração do texto em português.

BREVE NOTA CONTEXTUAL

“Há milhares e milhares no meio do escuro
Surgiu-se um Deus
Há milhares e milhares no meio do escuro
Deus pensou
Há milhares e milhares no meio do escuro
Deus criou uma luz
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou uma ave, a coruja, mensageira da noite
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou o beija-flor, mensageiro do dia
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou uma árvore, originária
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou uma cobra
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou os deuses de proteção
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou o planeta
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou o sol
Há milhares e milhares no meio do escuro
Criou a água, o vento, a vida no planeta
Por isso você não pode ter medo do escuro.
O escuro é a mãe de todo o universo, inclusive de Deus.
O escuro não escolhe ninguém.
O escuro é o lugar onde se esconde o amor verdadeiro.”

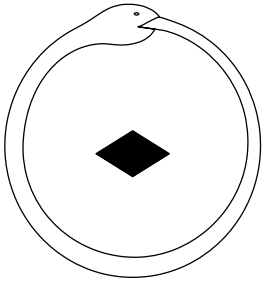
Poética Guarani narrada por Carlos Papá.

Havia um sol originário, que surgiu no escuro quando o pai primeiro fez a primeira luz em seu altar. *Kuarai*, filho de *Nhandesy*, é o futuro do sol, o segundo sol. Hoje vivemos sob o segundo sol, *Nhamandu Mirim*.

Mirim, em guarani, quer dizer pequeno.

Como Ailton Krenak costuma dizer: os indígenas não contam histórias de ninar, eles contam histórias para despertar as crianças.

Essa é uma história para acordar nossos sentidos.



A VIDA DO SOL NA TERRA

Carlos Papá e Verá Kanguá

A mãe do sol, quando era mocinha, esteve no mundo. Era uma jovem bonita que um dia teve a idéia de fazer um laço para pegar o pássaro *nambu xororó*, mas em vez de pegar o *nambu*, em seu laço caiu uma corujinha.



Ela gostou tanto da coruja que a levou para casa para criar.

Quando chegou em casa, a mãe do sol tentou alimentar o bichinho, oferecendo alguns grilos que tinha caçado, mas a coruja não aceitava. Voltou então à procura de alimento e trouxe muitas borboletas, mas a coruja também não aceitou. Ela já não sabia mais o que fazer quando ofereceu farelo de *mbeju* e a corujinha finalmente comeu.

A moça gostava tanto da corujinha que a deixava dormir ao lado de sua cabeça e, às vezes, durante a noite, sentia ela bater as asas em sua cabecinha.

Em pouco tempo, a mãe do sol percebeu que sua barriga estava começando a crescer e que estava grávida. Então ficou muito assustada e preocupada, sem entender o que havia acontecido.

A coruja, percebendo sua tristeza, apareceu como era, transformando-se em homem. E a moça viu que era **Nhanderu'i**, o nosso Deus, que disse a ela:

- Eu vou embora para meu trono, você quer ir comigo?

E ela disse:

- Não vou, pois a sua esposa que está lá em seu reino pode achar ruim. E decidi ficar.

Deixando ao mundo o exemplo de que os casais se separam, **Nhanderu'i**, ao partir, disse a ela:

- Se você mudar de ideia, mais cedo ou mais tarde, vá atrás de mim. Se tiver dificuldade para achar o caminho, pergunte a meu filho **Kuaray**, o pequeno Sol, que ele saberá guiar vocês.

No dia seguinte, ela resolveu ir atrás de **Nhanderu'i**, mas pela mata onde ele seguira havia várias picadas, e ela não sabia por onde ir. Lembrando-se do que **Nhanderu'i** havia dito, perguntou ao bebê que estava em sua barriga qual era o caminho e **Kuaray** respondeu que pegasse o caminho da direita.

Pelo caminho da direita havia muitas flores e **Kuaray** disse à sua mãe:

— Apanhe algumas flores para levarmos, pois, quando chegarmos ao terreiro de meu pai, eu vou querer brincar com elas.

Todas flores do caminho o anjo bebê pedia que ela apanhasse, e ela já não aguentava mais carregar tantas flores quando, por fim, apareceu



um lindo girassol que *Kuaray* pediu a ela que também colhesse. Mas, quando ela foi colhê-lo, uma enorme mamangava picou seu dedo. Então ela ficou muito brava, dizendo ao bebê:

– Você ainda nem viu o mundo e já está querendo brincar! Agora veja o que você fez com sua mãe – e furiosa começou a dar tapas na própria barriga.

Continuando a viagem, chegou novamente a um ponto onde havia três picadas: na do meio o mato estava muito fechado, a da direita era cheia de plantas espinhentas e a outra estava bem limpa. Ela perguntou:

– Filho, por onde seu pai foi? Por onde devo seguir? – Mas o bebê não respondeu. Ela perguntou três vezes, mas o bebê não respondeu. Escolheu então a picada à esquerda, que era a mais limpa, sem saber o perigo que corria.

Seguindo por esse caminho, chegou à toca de uma onça velha, que disse a ela.

– Filha, você não deve vir por aqui, volte imediatamente para o lugar de onde veio, pois meus filhos são muito ferozes e podem devorá-la. Só que a moça não sabia mais voltar e disse que teria que dormir por lá.



Quando a onça velha viu que não tinha jeito da moça voltar, virou seu caldeirão de boca para baixo e a escondeu lá dentro. Perguntou a ela se tinha fome e a moça disse que sim, que gostaria de comer milho, mas as onças não comiam milho, e então a onça velha pegou algumas frutas para a moça.

No dia seguinte, chegou a primeira onça jovem, que começou a farejar e disse:

–Vó, a senhora caçou alguma coisa? – ao que ela retrucou:

– Claro que não! Eu não tenho idade para isso, vocês é que têm que caçar por mim.

Depois chegou outra onça dizendo:

– Mãe, a senhora caçou alguma coisa? - e ela respondeu novamente:

– Se nem vocês conseguem caçar, imagine eu, velhinha...

E assim foi. À noite a toca já estava cheia de onças, até que chegou a mais esperta de todas, a que tinha mais faro, que cheirando muito, disse:

– A senhora está mentindo! – e virou o caldeirão. Imediatamente tirou a moça de seu esconderijo, e sem piedade as onças a devoraram.

Uma delas gritou:

– Tem um filhote!

Então a onça velha disse:

– Esse bebê vocês deixem para mim, pois estou velha e quero cozinhá-lo para comer a carne bem macia.

Pôs então o menino na brasa, mas as brasas se apagaram. Tentou colocá-lo no espeto, mas ele era muito liso e ela não conseguia espetá-lo. Pôs o bebê em cima de uma pedra e tentou amassá-lo batendo com um pau, mas ele pulava para lá e para cá e ela não conseguia acertá-lo de jeito nenhum, e assim desistiu de comê-lo.

Colocou-o então no sol para secar, pois ainda estava molhado da placenta. Assim que ele secou, já começou a andar e pediu que lhe fizessem um arco e flechas, e a onça velha fez o arco e flechas para ele.

Muito esperto, ele já foi caçar, e com seu arco e suas flechinhas caçava borboletas que trazia para a onça velha comer. Um pouco maior, ele já caçava muitos passarinhos. A onça gostava muito disso.



As onças jovens olhavam o menino com água na boca, mas a onça velha mandava o deixarem em paz, dizendo que ele era o seu bichinho de estimação.

Kuaray sentia-se muito sozinho e um dia pegou uma folha da árvore *kurupiká'y* e, com o seu saber das coisas, disse:

– Irmão, levante-se! – e dito isso, a folha transformou-se em menino.

Ele disse a esse menino:

– Você é meu irmão, meu nome é *Kuaray* e teu nome é *Jaxy*.

Quando voltaram para casa a onça velha perguntou:

– De onde veio esse menino?

Kuaray respondeu:

– Eu o encontrei na picada, brincamos juntos e eu trouxe para cá, é meu amiguinho.



– Onde estão seus pais? – perguntou a onça velha.

– Eu não tenho mãe, não tenho pai, respondeu **Jaxy**.

A onça sempre dizia a eles:

– Brinquem sempre por aqui, vocês não devem ir nunca à floresta verde maior, é muito perigoso.

E eles brincavam por ali e matavam muitos passarinhos, que traziam para as onças comerem. Um dia **Jaxy** perguntou:

– Por que a avó não deixa a gente ir à floresta? Por que não vamos até lá?

Kuaray não queria ir e dizia ao irmão que não, não podiam, mas **Jaxy** insistia, dizendo que lá devia haver muitos passarinhos, que iriam caçar muito mais, até que convenceu o irmão e eles foram à floresta verde maior.

Chegando lá, realmente a floresta estava repleta de pássaros e começaram logo a caçar. Mataram muitos e muitos pássaros. **Kuaray** disse:

– Vamos amarrar estes pássaros pelas pernas, pois assim será mais fácil de carregá-los. **Jaxy**, o futuro Lua, respondeu:

Vá amarrando, enquanto vou dar uma voltinha.



Kuaray disse que fosse, mas voltasse logo. **Jaxy** começou a andar pela mata, quando olhou para cima e viu um papagaio maravilhoso, todo colorido, e pensou:

– Vou fazer uma surpresa para meu irmão, vou matar esse papagaio e levar para ele.

Pegou o seu arco e mirou, soltando sua flecha com a certeza de acertá-lo, mas o papagaio desviou da flecha certa, e voltou furioso ao mesmo lugar, dizendo assim:

– **Jaxy**, por que você quer me matar? Por que vai levar um monte de pássaros para aquelas onças ferozes que devoraram sua mãe?

Assustado por o pássaro estar falando com ele, **Jaxy** puxou e atirou outra flecha, mas novamente o papagaio desviou, voltou ao lugar, e disse a mesma coisa. **Jaxy** chamou então seu irmão:

– **Kuaray**, venha ver aqui um pássaro falante. **Kuaray** veio e **Jaxy** atirou novamente, e de novo o papagaio desviou, voltou muito bravo e disse às crianças:

– Vocês mataram um monte de pássaros para dar de comer aquelas onças ferozes que mataram sua mãe. **Kuaray**, intrigado, disse:

– Agora é minha vez – puxou sua flecha e atirou certo, mas novamente o papagaio desviou e voltou ao lugar dizendo a mesma coisa.



Kuaray então entendeu toda a verdade, e apoiando o seu arco no chão começou a chorar. Ele e Jaxy choravam muito, e se revoltaram.

Kuaray perguntou:

– Você sabe onde eu posso encontrar os ossos de minha mãe?

O papagaio **Parakau** respondeu:

– Perto da toca das onças tem duas pedras grandes, no meio delas você achará os ossos da sua mãe.



Revoltados com o que descobriram, os meninos voltaram para onde estavam os pássaros mortos e, desamarrando-os, foram soltando um a um, dizendo os nomes:

– Tucano! Sabiá! Tangará! Tico-tico! Araponga! Beija-flor! Azulão! Jacu! Juriti! Nhambu! – e os pássaros, que antes não tinham nome, voaram todos, vivos novamente.

Kuaray amassou a corda que havia feito para amarrar os pássaros e a jogou para o alto. Essa corda tornou-se o pássaro **Jayru**, e dessa vez eles voltaram para casa sem nenhum pássaro.

Então a onça velha perguntou:

– Cadê os pássaros? Não trouxeram nenhuma caça?

Kuaray respondeu:

– Hoje não estávamos com vontade de caçar.

A onça perguntou:

- O que aconteceu? Vocês estão com os olhos vermelhos, parece que choraram...

Kuaray respondeu:

– É, choramos, pois levamos muitas picadas de marimbondos

Saíram e então foram procurar os ossos da mãe. No lugar indicado pelo papagaio, eles os encontraram.

Juntaram o esqueleto e **Kuaray** falou:

– **Jaxy**, vai dar uma volta na floresta espantar **nhambu**, deixe-me sozinho um pouco.

Quando **Jaxy** saiu, **Kuaray**, o futuro sol, com o seu saber das coisas, falou com sua mãe:

– Mãe, levanta.

Jaxy ficou curioso em saber por que **Kuaray** quis ficar sozinho mandando ele sair, por isso só se afastou um pouco. Logo voltou para espiar e então viu **Kuaray** segurando nos braços a sua mãe, que estava bem fraquinha. **Jaxy** então correu sobre ela dizendo “quero mamar”, mas a derrubou, fazendo ouvir um barulho de ossos, pois ela voltara a ser esqueleto.

Kuaray bronqueou:

– Por que você voltou tão logo? Não disse para me deixar só? Agora vá mais longe.

Mas **Jaxy** queria mamar e logo que viu **Kuaray** ordenar mais uma vez que ela se levantasse, correu sobre ela novamente fazendo-a cair, e ouviu-se o barulho de ossos outra vez. Então **Kuaray** disse:

– Mãe, de hoje em diante você será um animalzinho, será considerado caça para ajudar a humanidade. Com seu saber das coisas, soprou o esqueleto e ela transformou-se em uma paca, que foi pulando embora para o mato.

Por isso é que, quando a paca é caçada, o sol sai bem fraquinho, pois fica triste com pena de sua mãe.

Eles então quiseram vingar a morte de sua mãe e fizeram uma armadilha **mondé**, que tem um peso feito com sabugo de milho.

Uma onça os viu e perguntou o que estavam fazendo e eles disseram que estavam fazendo uma armadilha para pegar tiranos.

A onça riu e disse:

– Com esse sabugo tão levinho, essa armadilha não vai pegar nem mosca.

Kuaray disse:

– Entre aí, então, para ver.

A onça entrou e o **mondé** caiu em cima dela, matando-a instantaneamente, pois o sabugo pesava uma tonelada.

As onças eram muito burras. Logo chegava outra e fazia a mesma coisa. Quando viam a armadilha, vinham logo perguntar, debochavam e entravam nela para provar que estavam certas, sendo pegas pelo **mondé**. Assim, acabaram morrendo todas as onças-machos, ficando só as onças-fêmeas.

Quando estavam tirando a última onça morta do **mondé**, a onça velha os viu e bronqueou:

– Meninos! O que estão fazendo com seus irmãos?

– Ora, não sabemos, eles é que quiseram entrar ai e morreram.

– Então destruam já essa armadilha!

Eles destruíram o **mondé**.

Pensaram então numa outra estratégia para acabar com as onças-fêmeas. Fizeram uma lagoa enorme com uma pequena ilha dentro. Nessa ilha, com o seu saber das coisas, **Kuaray** fez surgir a árvore frutífera chamada guavirova.

Trouxeram a fruta para casa e começaram a comer na frente delas. As onças quiseram experimentar e adoraram, perguntando onde tinha mais. Elas estavam famintas, pois não havia mais onças macho para caçar. Daí eles falaram que havia muitas dessas frutas em uma ilha. As onças pediram então para eles construírem uma ponte para elas poderem ir lá buscar as frutas, comer à vontade e descansar.

Combinaram então de colocar uma enorme tora de madeira que atravessasse a lagoa até a ilha e, ficando um em cada ponta, eles a virariam quando as onças estivessem passando por cima da tora, e assim elas cairiam na água.

Kuaray começou a juntar várias coisas no mato e jogar na água, dizendo:

– Vocês serão todos seres vivos da água, alguns perigosos, outros não.

Assim, com o seu saber das coisas, o cipó virou uma cobra grande, os espinhos se tornaram peixe-espada e as folhas viraram diversos tipos de peixes. Ele disse ainda:

– Esse rio vai se chamar Paraguaxu e suas águas serão salgadas.

Depois retornaram para a toca das onças. Chegaram lá à tarde, dizendo:

– Tudo pronto. Amanhã cedo iremos buscar as frutas – e todas ficaram alegres.

Quando amanheceu, foram todos à lagoa e, chegando lá, *Kuaray* disse assim:

– Meu irmão fica aqui, e eu atravesso para o outro lado, segurando a tora para não virar, assim vocês podem atravessar com segurança.

As onças começaram a passar devagar pela ponte, mas havia uma que ficou por último porque estava grávida e não conseguia subir na tora.



Kuaray fez um sinal para **Jaxy** esperar, pois só faltava essa onça subir, mas **Jaxy** entendeu que era pra virar a tora, e virou. Aí foram todas água abaixo, exceto a onça grávida que não conseguira subir. Nesse momento, **Kuaray** gritou:

– Então você é a única que vai ficar para reproduzir a espécie.

Ao ouvir essas palavras, ela já começou a fazer ruído de onça de verdade (pois antes elas falavam, agora só rugem) e teve um filhote macho, que continuou a espécie.

Kuaray ficou chateado, achando que não era pra ter feito aquilo e, nesse momento, a tora virou uma serpente gigante e mergulhou no rio. Então **Kuaray**, o futuro Sol, ficou de um lado da lagoa e **Jaxy**, o futuro Lua, do outro.

Os irmãos saíram andando um de cada lado, mas **Jaxy** ficou sem saber o que fazer e ficou olhando as frutas ali no meio do mato. Ele gritava pra **Kuaray** do outro lado:

– Que fruta é essa? Dá pra comer? – e **Kuaray** respondia, também gritando:

– Como é que ela é?

– Ela é vermelha com uma manchinha redonda embaixo.



Kuaray respondeu:

– É guavirova, espere, não coma. Para não fazer mal você tem que defumar antes com o cachimbo.

– **Jaxy** continuou andando e achou outra fruta, gritando novamente para **Kuaray**:

– Que fruta é essa?

– Como ela é?

– É dura e tem casca bem avermelhada.

Kuaray respondia:

– É coquinho. Pode comer, é só bater com uma pedra para abrir.

Jaxy continuava andando e perguntando para **Kuaray**:

– Que fruta é essa? Dá para comer?

– Como ela é?

– Ela é comprida, amarelada e bem macia.

– Então é aguái. Pode assar e comer, e guarde as suas sementinhas para mais tarde.

Jaxy gritou mais uma vez:

– Que fruta é essa?

– Com o que ela se parece?

– Essa tem casca meio azulada.

– É **guaviju**, essa você também não deve comer antes de defumar.

Jaxy continuou andando, e tudo o que via perguntava para **Kuaray**.

Ele, já impaciente com tantas perguntas, disse:

– Faça uma fogueira e ponha brasa nas sementes de aguái. Segure bem firme seu arco e flecha.

De repente as sementes explodiram e com o estouro **Jaxy** foi jogado para cima indo cair bem ao lado de seu irmão. **Kuaray** disse então:

– Nessa ilha vamos formar o nosso mundo, a Terra Sem Males, que será grande.

Ali, começaram a passear, até que **Kuaray** diz:

– É hora de irmos embora, já cumprimos nossa missão. E continuaram caminhando pela ilha originária, que se tornava tão grande que parecia não ter fim.

Começaram a viajar pela ilha e, em um rio, encontraram o **anhã** pescando com uma armadilha chamada **pari**. **Kuaray** disse:

– Vamos aprontar com ele. Fique aqui me esperando e deixe que eu vou, pois é muito perigoso.

Kuaray mergulhou e foi por debaixo d'água até o lugar onde **anhã** estava pescando. Quando um peixe entrava no **pari**, ele tirava o peixe e mexia o **pari**, e assim **anhã** pensava que a armadilha estava cheia, puxava correndo a corda, mas não achava nada. **Kuaray** pegou seis peixes, que levou para ele e **Jaxy** assarem e comerem.

Em seguida, **Jaxy** quis roubar mais peixes. **Kuaray** não queria deixar, mas **Jaxy** insistiu muito, e então **Kuaray** recomendou que ele esperasse o peixe entrar no **pari** antes de ele mexer nele. **Jaxy**, querendo se exibir para o irmão, enfiou a cabeça no **pari** para pegar o peixe com a boca, acabou ficando preso e foi puxado pelo **anhã** junto com o peixe.

O **anhã** matou **Jaxy** e o levou para casa para comer. Por isso, às vezes tem eclipse: é quando o **anhã** come **Jaxy**, o futuro Lua.





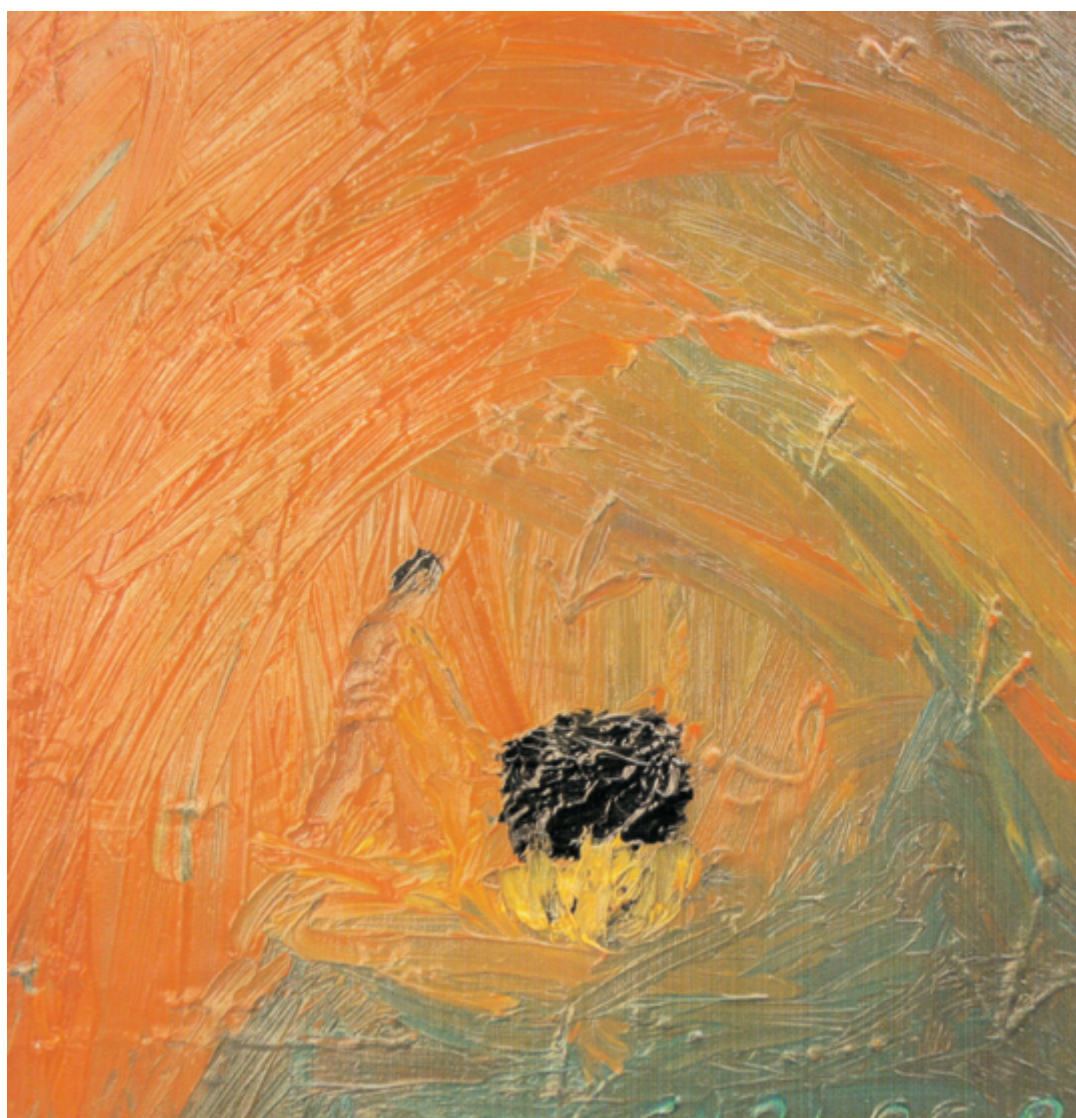
Kuaray foi então à casa de *anhã* se fingindo de visitante e, quando chegou lá, *anhã* já havia cozinhado *Jaxy* e feito uma sopa, que estava comendo.

Ele convidou *Kuaray* pra almoçar, mas *Kuaray* disse:

– Agora não, pois estou com pressa e preciso seguir viagem. Mas se puder me oferecer, gostaria de levar um pouco dessa sopa com o crânio dele para comer mais tarde.

Anhã deu a sopa para ele; *Kuaray* agradeceu e continuou caminhando. No caminho, *Kuaray* pegou o crânio, limpou-o todo e colocou a sopa dentro. Com o seu saber das coisas, disse:

– Levanta, irmão! – a sopa então virou cérebro e o crânio transformou-se novamente em *Jaxy*.



Kuaray deu uma bronca nele:

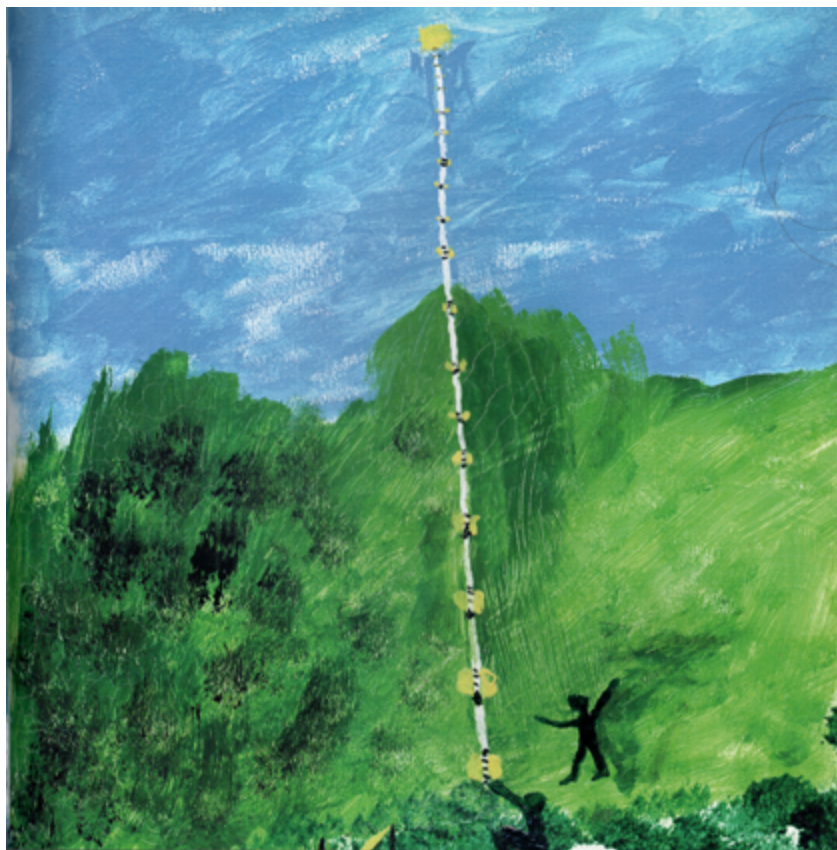
– Eu não falei para você tomar cuidado! Você não me ouviu, agora veja se aprende!

Andando mais um pouco, *Kuaray* disse:

– Agora já chegamos, é hora de você usar seu arco. Aponte-o para o céu e dispare uma flecha.

Jaxy esticou seu arco e soltou a flecha. A ponta da flecha atingiu o chão do céu e ficou presa lá. *Kuaray* mandou que ele continuasse atirando, e cada flecha acertava exatamente a forquilha da outra flecha, ficando uma presa na outra até chegar à terra. *Kuaray* falou:

– Deixe seu arco na terra, pois ele se transformará na árvore chamada amarelinho, que servirá para fazer arcos e flechas.



Então eles foram subindo pelas flechas e *Kuaray* ia recolhendo uma a uma conforme ia subindo. Assim, eles chegaram até o céu, onde seu pai já os estava esperando em seu trono. Ele os abraçou, cumprimentando-os pelos exemplos que deixaram aos homens. Sua missão na terra havia terminado, mas muito ainda os esperava.

A história continua...

GLOSSÁRIO

ANHÃ - Para povo Guarani, anã corresponde a uma energia de velocidade, de desequilíbrio e de falta de concentração. Alguns a entendem como um espírito ruim, ou mesmo um “demônio”. Na concepção da filosofia Guarani existem as energias de anã e de mbeguei, a rápida e a lenta. Entender a dimensão dessas energias significa entender o tempo e a nossa relação com nosso próprio corpo e com o espaço que nos cerca.

MAMANGA – Mamangava, mangangá, tipo de abelha cuja picada dói muito.

MEBJU – *Beiju*, tipo de panqueca feito com milho ou mandioca amassados.

MONDÉ – *Mundéu*, armadilha colocada na trilha de passagem dos animais, que ao passarem destravam a amarração de uma tora pesada que cai sobre eles.

PARI – covo, armadilha para peixes, tipo de cesto comprido que prende o peixe que entra atraído pela comida.

SMALL GUARANI VOCABULARY

- Ankã – Cabeça
Arai – Nuvem
Ava – Homem
Avati – Milho
Aynka – Pronto
Ejapo – Fazer
Guata – Andar
Guaxu – Grande
Guyra – Pássaro
Guyrapa – Arco
Hu~u – Preto
Hu'y – Flecha
Iporã – Bonito
Ita – Pedra
Jaa – Vamos
Jagua – Cachorro
Jake – Dormir
Japorai – Cantar
Ja'u – Comer
Jeroky – Dançar
Kuaama – Saber
Kunhã – Mulher
Kyrngue ou mintã – Criança
Mboi – Sobre
Momyry – Longe

Nhemongueta – Pensar

Ōky – Chuva

Ōo – Casa

Paraguaxu – Mar

Pave – Todos

Pira – Peixe

Popo – Borboleta

Pota – Querer

Poty – Flor

Pytã – Vermelho

Tata – Fogo

Tape – Estrada

Tĩ – Branco

Tory – Rir

Xara'u – Sonhar

Xivi – Onça

Yva – Céu

Yva'a – Fruta

Yvytu – Vento

Ywyrá – Árvore

Yxyro – Cipó

Yy – Água

Yyankã – Rio

CARLOS PAPÁ

Carlos Papá Mirim Poty pertence ao povo Guarani Mbya. É morador da aldeia do Rio Silveira e guardião das palavras sagradas Guarani. Ao longo dos últimos anos, Papá vem soprando ao mundo mensagens sobre a importância da valorização e do respeito à *Nhe'ëry*, a Mata Atlântica. Através de *Ayvu Porã*, as boas e belas palavras, ele transmite a filosofia e a memória ancestral deixadas por seus avós. Trabalha há mais de 20 anos com audiovisual, cultivando a memória e a história de seu povo através de oficinas culturais com os jovens. Atua também como líder espiritual em sua comunidade, sendo conhecedor das plantas que curam e orientam o nosso caminhar. É representante da Comissão Guarani *Yvy Rupa* e também fundador e conselheiro do Instituto Maracá. São inúmeros os projetos e eventos dos quais participou e para os quais vem sendo convidado nos últimos anos, tais como: *Jogos Mundiais dos Povos Indígenas*, em Tocantins, 2015; *Ciclo de debates Mekukradjá – Círculo de Saberes*, no Itaú Cultural; diversas sessões, mostras e festivais de cinema, como o *Aldeia SP – Bienal de Cinema Indígena*, o *Festival Tela Indígena*, realizado em Porto Alegre, e o *Festival de Culturas Indígenas no Memorial da América Latina*, em São Paulo. Foi curador do *rec.tyty – Festival de artes indígenas*. Participou como artista da exposição **Moquém-Surari**, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), durante a 34ª Bienal de São Paulo, e é colaborador do *Selvagem – Ciclo de estudos sobre a vida*.

VERÁ KANGUÁ

José Duda é indígena Guarani. Morou muitos anos na Terra Indígena do Ribeirão Silveira, de onde realizou transcrições e traduções de cantos e histórias do Guarani para o português. É professor da Aldeia Itaoca, em Mongaguá - SP.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Todas as pinturas deste Caderno foram criadas por Carlos Papá.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui selvagemciclo.com.br/colabore